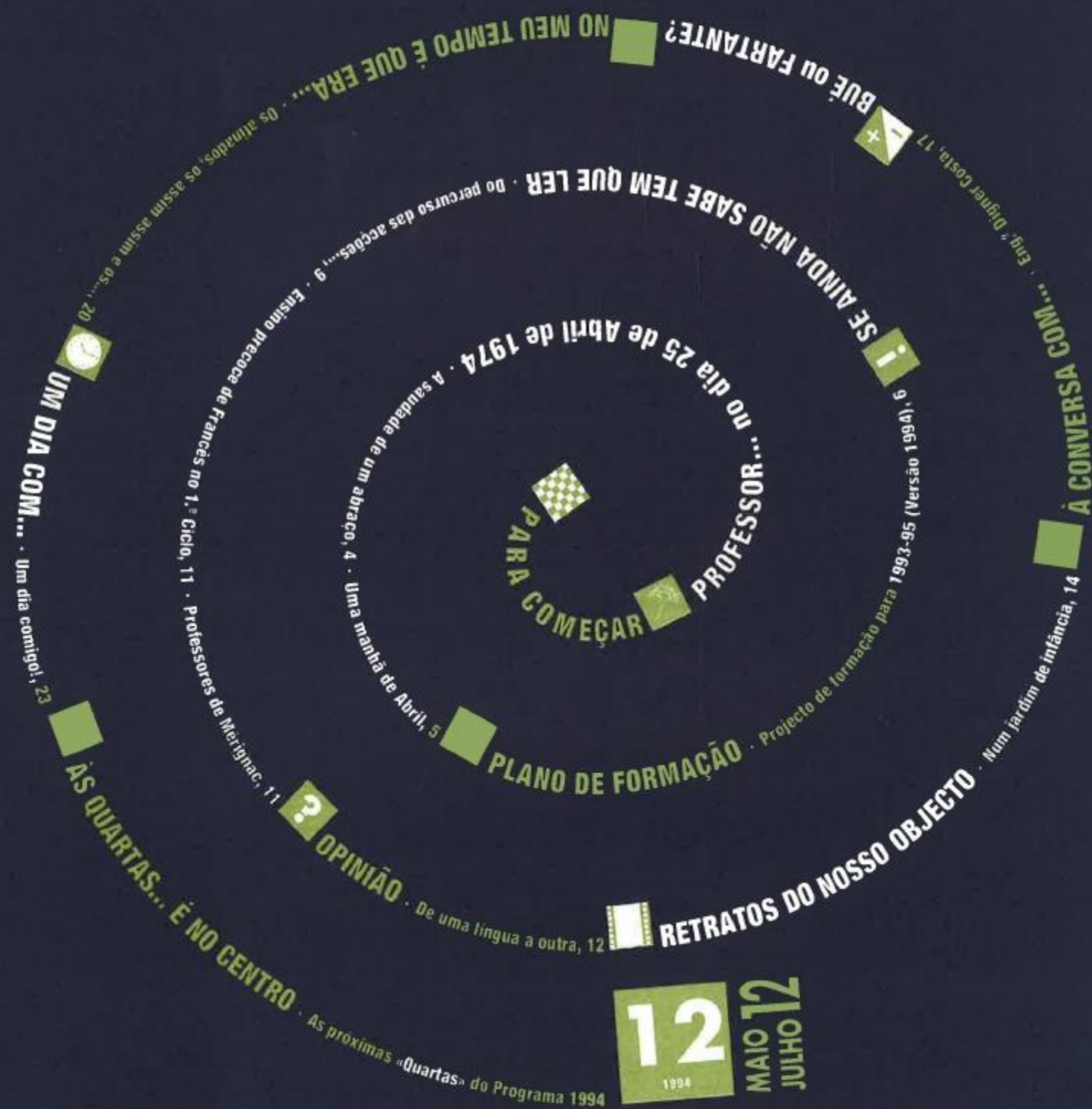


f P e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



12
1994
MAIO 12
JULHO 12



**P A R A
COMEÇAR**

Era uma ideia genial...
talvez a mais inovadora de todas!
Como o jardim de infância da fábrica
estava a dar prejuízo
tinha decidido despedir a educadora
e
no seu lugar
em regime de acumulação
colocar a Dona Armanda
a tesoureira...
E se assim o pensou... melhor o fez!

A Dona Armanda era um modelo de poupança...
mangas de alpaca cerzidas a branco
óculos partidos remendados a fita gomada
xaile pelos ombros
que ela própria tinha feito
quando entrou para o serviço
há 28 anos
disjuntor das tomadas de aquecimento do escritório
num bolso
e chave da casa de banho do pessoal
no outro.
Orgulhava-se dos rodos de dinheiro
que fazia poupar ao patrão
todos os meses...
Tinha
ela própria
inventado regras de austeridade que fazia cumprir
com a determinação de um sargento de carreira...
Tinha confiscado todos os cestos de papéis da fábrica
para
desse modo
impedir que se deltassem papéis fora...
Exigia aos funcionários que requeriam, por escrito, um lápis
que anexassem ao pedido
num pacote de celofane
todas as aparas do lápis anterior...
Ela própria
ao fim do dia
enchia
cuidadosamente
com uma seringa
as cargas das esferográficas vazias
e pintava
à mão
as fitas gastas das máquinas de escrever...
Para fazer as contas
usava uma lousa
e as pontas de giz
que a «perdulária» da educadora do jardim
deitava fora
por serem demasiado pequenas para as mãos dos meninos...
Aos sábados de manhã
era vê-la a polir o Mercedes último modelo do patrão
para assim poupar a lavagem...
Era um modelo de poupança...





Era tão poupada... tão poupada
que não comprava jornais
mas, como gostava de se manter sempre informada,
lia
vezes sem conta
a colecção de jornais da década de 40
que o pai tinha guardado no sótão...

Quando o patrão lhe comunicou a nova
ficou tão emocionada
que não sei se pela comoção
ou pela poupança
apenas lhe balbuciou um «Obrigada!»
quase inaudível.

Apressou-se, depois, a tomar posse do novo cargo
não antes de
orgulhosa e diligente
procurar
na sua colecção de jornais
novas ideias
para a gestão do jardim...

O primeiro problema para resolver
era a bata...
queria causar boa impressão aos meninos!
Aproveitou a que usava nas limpezas de casa
e lembrou-se de a alegrar com umas brincadeiras...
carimbou-a toda,
pintou-lhe cifrões grandes
amarelos
com os olhos arregalados,
fez uns decalques do Tio Patinhas
e imitou
a roxo
em vários sítios
autógrafos dos irmãos Metralha...

No primeiro dia
mal a viram
os meninos desataram logo a chorar...
Mas isso não a intimidou...
aquilo não podia ser mais difícil
do que o balancete do ano passado...

Para alegrar deu início ao plano que tinha traçado...
Mandou-os alinhar
em fila
por ordem alfabética
e começou a fazer a chamada...

Nem os meninos sabiam o que era ordem alfabética
nem se ouvia nada
tamanha era a choradeira...

Passou então ao ponto seguinte da planificação...
ensiná-los a ler, escrever e contar!

Às primeiras frases da ladaínha da tabuada
que,
para mal dos vizinhos,
tinha passado o serão da véspera a ensaiar,
já havia meninos a espumar de raiva
de tanto berrarem
uns pela mãe
outros pela antiga educadora...

Não pôde deixar de se sentir um pouco apreensiva...
Mas não estava habituada a desistir...
e, com a mesma postura que punha
sempre que tinha de descobrir um «gato» de sete tostões
na conta da cantina,
passou ao terceiro ponto da planificação...
o jogo do Deve e do Haver...
Tinha-o inventado na véspera...
riscava-se no chão do recreio três colunas
uma para o Deve, outra para o Haver e outra para o Saldo
os meninos formavam 3 equipas
uma equipa em cada coluna...

Os choros convulsivos tinham amainado...
os meninos ouviam
estupefactos
as regras deste jogo que não se parecia com nada que
conheciam...

Lá no alto
das janelas da Administração
o patrão
embebecido
olhava
o grupo
e
embora se sentisse feliz pela decisão tomada
não deixava de se penalizar um pouco
por não se ter lembrado antes desta ideia tão genial!

Jorge Lima
Maio 1994

PROFESSOR... no dia 25 de Abril de 1974

A saudade de um abraço

Maria de Fátima Gil Cardoso Soares de Oliveira *

Falar do 25 de Abril vinte anos depois é também, recordar a acção admirável de um punhado de militares que souberam pôr, ao serviço do povo Português, quanto há de generosidade na juventude. Os capitães de Abril restituíram a liberdade aos Portugueses, afastaram da cena política os algozes de todo um povo e acabaram com um sombrio pesadelo de 50 anos da nossa História. Nesse ansioso dia a primeira sensação que tive foi de alegria e liberdade, como cidadã, mulher, mãe e professora, pressenti que, a partir daí, tudo iria ser diferente, tinham-se rebentado as mordaças, iria acabar a guerra colonial, os meus filhos e alunos não seriam mais «carne para canhão».

Essa quinta-feira, cheia de sol, estava de acordo com as nossas almas em festa por, finalmente, acabar o regime de opressão em que tínhamos vivido. Parecia haver uma fraternidade cúmplice entre as pessoas que se abraçavam como se se conhecessem de sempre.

A escola reflectia o regime e iria mudar, ser aberta à comunidade, os pais e os alunos poderiam participar na sua gestão, as matérias poderiam ser arejadas e alguns tabus acabariam, iríamos todos, como dizia Paulo Freire «Educar para a liberdade».

No entanto, no início dos anos 70, na minha escola já se viviam algumas ideias do Abril democrático: os professores e os alunos não eram reprimidos pelas suas ideias políticas e havia actividades sócio-culturais que não eram permitidas noutros locais. Por tudo isto a Escola não viveu a Revolução como outros estabelecimentos de ensino.

Eu, como outros professores, pouco mudei pelo facto de ter acontecido o 25 de Abril, porque sempre, nas minhas aulas, procurei ter uma relação aberta com os alunos e um grande desejo de os tornar pessoas com sentido crítico sobre o mundo e sobre a vida, num clima de liberdade que implicasse responsabilidade. Foi com satisfação que vi incluir nos programas disciplinas de Introdução à Política e Sociologia, matérias que considero serem da maior importância para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática, pois considero que uma sociedade é tanto mais democrática e mais justa quanto melhor é a educação e a formação profissional da sua juventude.

Estes 20 anos são ricos de experiência nova para muitos mais. Houve alguns erros, contradições nunca superadas e alguns desvios? Inevitavelmente. Tudo isto representa a vida na escola plenamente vivida, cheia de ensinamentos e não a vida do dia-a-dia parada de quase meio século de autoritarismo e obscurantismo retrógrado.

Nestes anos muitos de nós repetimos esse abraço sob um clima jamais esquecido por entre uma alegria nunca mais vivida.

Que saudade desse abraço, dos cravos vermelhos, da liberdade sã. Para que esse abraço tenha sempre o mesmo ímpeto não nos esqueçamos de lutar para nos voltarmos a abraçar da mesma maneira, para que os cravos voltem a ter cheiro, para que o poeta chore sem mordaça, para que sejamos verdadeiramente livres e solidários. Passemos esta saudade aos mais novos!!! ■

* PQND do 10.º grupo B da Escola Secundária Nº 1 de Matosinhos

Uma manhã de Abril

Marieta Rego *

São 7.30 da manhã. O despertador toca... É hora de levantar embora as delícias dos lençóis ainda quentes chamem para o deleite de mais uns minutinhos na cama.

– São horas... – sussurra a voz morna que está a meu lado – ... vais chegar atrasada.

Levanto-me e, contra o costume, nem as notícias das oito ouvi. Já estava demasiado em cima da hora para ter outras preocupações que não a pontualidade.

Embora fosse ainda universitária, era já o meu segundo ano como professora do então Liceu Nacional de Matosinhos. À pressa entro no átrio e, desde logo me pareceu que qualquer coisa tinha acontecido. A funcionária da portaria não está no seu posto habitual e tudo se me afigura demasiado calmo.

Entro na sala de aula e o primeiro tempo decorre normalmente. Os alunos, crianças ainda, tal como eu, não sabiam que, àquela hora, Lisboa estava cercada por tropas e estava a ser preparada a rendição do governo.

Fim da primeira aula. A caminho da sala dos professores diz-me um colega:

- Sabes o que aconteceu? Houve um golpe de estado em Lisboa!
- Pois sim, o dia de enganar já passou – respondi-lhe com um gracejo.
- Mas é verdade! Acredita! – insistia ele.

Chegados perto dos outros professores que se tinham juntado na sala, ouço pela primeira na rádio (alguém levava o aparelho de casa):

- «Aqui Posto de Comando das Forças Armadas. Pedimos às pessoas que se conservem em casa. Não queremos derramar a mínima gota de sangue».

As conversas misturam-se, as opiniões dividem-se. Com muita renitência o reitor dá ordem, duas horas mais tarde, para se fechar a escola, embora as aulas já estivessem interrompidas e os professores dispostos a sair das instalações.

Custou-me a compreender que uma revolução se estivesse a fazer com tanta serenidade.

Regressei a casa ao fim da manhã. Vi as primeiras imagens na televisão: «... Aqui o Movimento das Forças Armadas... resolveu libertar a nação das forças que há muito a dominam. Viva Portugal!».

Saio de casa e, como tantos outros, desobedeço às ordens e participo na festa de rua que decorria na Praça, no Porto.

Ao som de «Grândola Vila Morena» festejava-se a Revolução dos Cravos. ■

* PQND de Português e Francês da Escola Preparatória António Nobre de Matosinhos

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

Acção	Cursos / Módulos	Horas	Área	Modal.	Nível	Destinatários	Local previsto / Anotações
						Prof. profissionalizados de:	
I – O professor agente do sistema	1. Sistema Educativo	60	A	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	Realização não prevista para 1994
II – O professor, e a orgânica da Escola	1. <u>Administração, direcção e gestão das Escolas</u>	90	G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	Realização não prevista para 1994
	3. <u>Apelo Sócio-Educativo – Contributo para a Humanização da Escola</u>		G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	PRÓfessor
	A.	30					
B.	30						
III – O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio	1. <u>Direcção de Turma</u>	90	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	Realização não prevista para 1994
	2. <u>Área-Escola, a Comunidade, e Animação</u>		C	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	PRÓfessor
	A.	22					
	B.	22					
	C.	22					
3. <u>Património Histórico-Cultural de Matosinhos – seu Potencial Pedagógico na Área-Escola</u>			C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	PRÓfessor
A.	30						
B.	30						
IV – O professor e o aluno	1. <u>Tendências actuais da pedagogia</u>	100	A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	Realização não prevista para 1994
	2. <u>Preocupação com o aluno como pessoa</u>		C	CF	I	3º ciclo do E. Bás. e Sec.	PRÓfessor
	A.	30					
	B.	30					
	3. <u>Comunicação na aula</u>		F	OF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	ESAG
	A. <u>Dramatização na sala de aula</u>	30					
	B. <u>Dinâmica de grupos</u>	42					
	4. <u>Trabalho de projecto</u>	60	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	Realização não prevista para 1994
	5. <u>D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal e Social – Formação para a docência</u>	270	C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	PRÓfessor
	6. <u>Lidar com a diferença</u>	66	C	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	Realização não prevista para 1994
	7. <u>Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - I</u>	88	C	CF	A	Educadoras de Infância	Realização não prevista para 1994
8. <u>Investigação em Educação</u>		A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	PRÓfessor	
A.	30						
B.	30						
9. <u>Avaliação Pedagógica – E. Básico 1º, 2º, 3º e E. Secundário</u>	30	C	CF	I	1º, 2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	PRÓfessor	
10. <u>Psicologia do Desenvolvimento – da infância à adolescência</u>	30	C	CF	I	Educadoras de Infância e 1º ciclo do E. Bás.	PRÓfessor	
11. <u>Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - II</u>	22	C	CF	A	Educadoras de Infância	PRÓfessor	
V – O professor, e os meios auxiliares de ensino	1. <u>A Fotografia no Ensino</u>		F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	ESAG
	A.	30					
	B.	30					
	4. <u>O Computador no dia-a-dia do professor - I</u>	60	F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	ESAG
	6. <u>PRÓmac</u>	60	F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	A indicar
7. <u>A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediastecas Escolares – Um Meio para a Inovação Educacional</u>	66	F	CE	A	Todos os ramos e níveis de ensino	Realização não prevista para 1994	
VI – O professor e a carreira	1. <u>A Identidade Profissional do Professor</u>	44	D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	PRÓfessor
VII – O professor ao espelho	1. <u>Professor «Reflectido»</u>	44	D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	A indicar
VIII – O professor, a sua especialidade e a didáctica dela	1. <u>Didáctica da Língua Portuguesa</u>	66	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	PRÓfessor
	2. <u>Didáctica da Matemática</u>	44	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	PRÓfessor
	3. <u>Técnicas Laboratoriais de Química</u>	60	B	CF	I	4º grupo do E. Bás. e Sec. e 11º - B	Realização não prevista para 1994
	4. <u>História – Temas do séc. XIX e XX</u>	30	B	CF	I	História, Filosofia e Português do E. Bás. e Sec.	PRÓfessor
	5. <u>O Computador na Aula de Inglês</u>	60	C	CF	I	Inglês 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	ESAG
	6. <u>Inovar na Aula de Línguas (Alemão-Inglês)</u>	60	C	CF	I	Alemão e Inglês 3º ciclo E. Bás. e Sec.	PRÓfessor
	7. <u>Expressão Física</u>	60	C	CF	I	1º ciclo do E. Bás.	Realização não prevista para 1994
	8. <u>Desporto Escolar</u>		C	CF	A	1º, 2º e 3º ciclo do E. Bás. e Sec.	ESAG
	A.	30					
	B.	30					
	9. <u>Inovar o Ensino – Aprendizagem das Ciências (Biologia-Geologia)</u>	22	C	CF	A	Biologia e Geologia 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	PRÓfessor
10. <u>Investigação em História Local</u>	66	B	CF	A	História 3º ciclo E. Bás. e fi. Sec.	Realização não prevista para 1994	
11. <u>Ensino precoce de uma língua estrangeira no 1.º Ciclo – Francês</u>	30	E	CF	I	1º Ciclo do E. Bás.	PRÓfessor	

... para gente que ousa **fascinar-se!**



PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

Projectos	Tema	Hor.	Área	Mod.	Nível	Destinatários Prof. profissionalizados de:	Local Previsto/ /Anotações
	1. Avaliação dos alunos do 3º Ciclo – Uma escola concertada	150	C	P	A	—	—
	2. Escolas do 1º Ciclo de Matosinhos – Ainda estamos a tempo...	150	C	P	A	—	—
	3. PRÓmédia – Centro de Recursos Educativos de Matosinhos – a concretização de um sonho...	150	C	P	A	—	—
	4. Formar para que professor?	150	C	P	A	—	—
Outras Actividades de Formação							
	Tema	Hor.	Área	Mod.		Destinatários Prof. profissionalizados de:	Local prev./ /Anotações
Às Quartas é no Centro!	1. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da História	2	C	Debate		História do E. Básico e Secund.	Pavilhão PRÓfessor
	2. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Biologia-Geologia	2	C	Debate		Biologia e Geologia dos E. Básico e Sec.	Pavilhão PRÓfessor
	3. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino da Economia	2	C	Debate		Economia do E. Secundário	Pavilhão PRÓfessor
	4. Os portefólios na avaliação dos alunos do E. Básico	2	C	Debate		E. Básico	Pavilhão PRÓfessor
	5. Modelo de avaliação do E. Secundário	2	C	Debate		E. Secundário	Pavilhão PRÓfessor
	6. Mod. de avaliação da Escolaridade básica obrigatória	2	C	Debate		E. Básico	Pavilhão PRÓfessor
	7. Modelos de ensino-aprendizagem de jardins de infância em confronto	2	C	Debate		Educação de infância	Pavilhão PRÓfessor
	8. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Português	2	C	Debate		E. Básico e Secundário	Pavilhão PRÓfessor
	9. Os novos programas versus as novas metodologias no ensino do Inglês	2	C	Debate		E. Básico e Secundário	Pavilhão PRÓfessor
	10. Encontros de educadores de infância	2	C	Debate		E. Pré-escolar	Pavilhão PRÓfessor
	11. Métodos e técnicas de leitura e escrita no 1º Ciclo do E. Bás.	2	C	Debate		E. Básico	Pavilhão PRÓfessor
	12. Da formação recebida ao desempenho no processo ensino-aprendizagem e na dinamização da Escola	2	C	Debate		Todos	Pavilhão PRÓfessor
	13. O novo modelo de gestão escolar	2	C	Debate		Todos	Pavilhão PRÓfessor
	14. Caminhos percorridos pelo Apoio Pedagógico Acrescido – Diferenciar para Aprender						
Exposição	1. Siza Vieira – Percurso de um projecto	—	—	—		Todos	a indicar
	2. A Escola do futuro – Exposição conjunta de artistas plásticos de Matosinhos	—	—	—		Todos	a indicar
Concerto	Rodrigo Leão e os Vox Ensemble	—	—	—		Todos	a indicar
Congresso	A imagem do Professor	—	—	—		Todos	a indicar
Revista	Número 8	—	Todas	—		Todos	—
	Número 9	—	Todas	—		Todos	—
	Número 10	—	Todas	—		Todos	—
	Número 11	—	Todas	—		Todos	—
	Número 12	—	Todas	—		Todos	—
	Número 13	—	Todas	—		Todos	—
	Número 14	—	Todas	—		Todos	—
	Número 15	—	Todas	—		Todos	—
	Número 16	—	Todas	—		Todos	—
Actividades	1. Troféu PRÓfessor	—	—	—		Todos	—
	2. Festa do 2º Aniversário do PRÓfessor	—	—	—		Todos	—
	3. Festa de Natal PRÓfessor – 1994	—	—	—		Todos	—

ATENÇÃO COLEGAS – O PRAZO LIMITE PARA A INSCRIÇÃO NAS ACÇÕES QUE TÊM INÍCIO EM SETEMBRO, POR RAZÕES LOGÍSTICAS, PASSA A SER 30 DE JUNHO!!!

ABCEDEFGHIJKLMNO

PQRSTUUVWXYZabcdefghijklmnopghijkl

mnopqrstuvwxyZ



EDIÇÕES
AFRONTAMENTO



SE AINDA NÃO SABE TEM QUE LER

Do percurso das acções e do que andamos a fazer durante o «defeso»

Termos novos entraram no nosso vocabulário desde Novembro de 1992 – formando, acreditação, creditação, créditos, progressão na carreira dependente da formação contínua realizada, entre outros. O termo «acção de formação» já todos nós conhecíamos embora tenha, desde aquela data, ganho contornos e implicações bem diferentes. Mesmo actualmente a «leitura» que um formando faz, por exemplo, do que é uma acção de formação é bem diferente do que é feita na Comissão Pedagógica e Direcção do PRÓfessor. Para explicar o que isto quer dizer aceitem o convite de rever connosco o percurso das acções e o que está para além dele.

As acções de 1993 «começaram» em Setembro de 1992 quando foi desenhado, de baixo para cima, com a colaboração de todos os professores e educadores das Escolas Associadas, o nosso Plano de Formação. Depois de aprovado foi tempo de procurar as pessoas certas para estruturarem e estarem à frente de cada uma das acções – os formadores.

A seguir foi tempo de obter o reconhecimento nacional da validade da acção junto do Conselho Coordenador de Formação Contínua de Professores – a acreditação. Ao mesmo tempo, a orçamentação e definição da estrutura de custos, desde o clip ao vídeo, passando pela água, luz e telefone, e a apresentação do pedido de co-financiamento junto do PRODEP (Programa para o Desenvolvimento de Portugal), Sub-medida 1.3 – Programa FOCO – o co-financiamento.

Pelo caminho a escolha dos espaços, os melos, as máquinas, os equipamentos, as inscrições, as selecções, os contactos... os setecentos e tal lugares de formação...

Um orgulho muito grande para nós!

Depois a primeira parte do «melhor da festa» – a realização da acção.

No final da acção, depois de formandos e formadores irem embora vem a segunda parte do «melhor da festa», a principal razão de ser da formação contínua – o chegar aos alunos dos efeitos da formação, sob as mais variadas formas.

Outro orgulho muito grande para nós!

E pronto, aqui parecia estar encerrada a questão, mas não está!

Chegou o tempo de fazer a avaliação das acções, avaliar tudo e mais alguma coisa, organizar dossiers, fechar contas com o PRODEP, arrumar a casa, partir para outra...

Só para ficarem com uma ideia, em meados de Maio, esta fase ainda não está terminada e só prevemos a sua conclusão para o início de Junho.

Já há acções a funcionar desde o início de Abril

O dia 15 de Abril marcou o recomeço das acções de formação do PRÓfessor. Nesse dia teve início a Acção VI – Curso 1 – Identidade Profissional do Professor. A 18 começou a Turma A da Acção V – Curso 4 – O Computador no dia-a-dia do Professor e no dia 22 o Módulo A, Turma A da Acção III – Curso 2 – Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação. Por razões que são alheias à nossa vontade vimo-nos obrigados a suspender a Turma A da Acção V – Curso 6 – PRÓMac e a Acção IV – Curso 10 – Psicologia do Desenvolvimento – da Infância à Adolescência, tendo os formandos inscritos nestas duas acções sido notificados dessa suspensão, por escrito, para que possam optar por outras acções ou aguardarem a recalendarização das mesmas.



Algumas acções vão ser sujeitas a um regime de caução

O regulamento de acesso a co-financiamentos do PRODEP II, Programa FOCO (ou o que venha a chamar-se), para 1994, ainda não foi publicado. Era para ser no dia um... desde Janeiro... e já vamos em Maio!

Para se ter uma dimensão do atraso basta dizer que, na «campanha» anterior, o regulamento saiu nos finais de 1992, todos os nossos pedidos de co-financiamento foram entregues até meados de Janeiro de 1993. Tamanho atraso... tamanha demora... não é para compreender, mas devia ser para explicar por quem de direito...

Há rumores... há receios... há que esperar! Só que temos um Plano de Formação traçado que é para concretizar, temos dezenas de acções estruturadas e acreditadas e muita, muita gente a desejar e a querer formação.

Tudo isto foi ponderado na última reunião da Comissão Pedagógica do PRÓfessor e a questão pode focar-se num autêntico dilema sob a forma de duas hipóteses:

1ª Hipótese – Suspensão da realização de todas as acções até à publicação do regulamento de acesso a co-financiamentos do PRODEP II, Programa FOCO;

2ª Hipótese – Prosseguir a concretização do Plano de Formação previsto.

Optar pela 1ª hipótese, embora se afigurasse mais cauteloso, impediria o acesso à formação a quem, entretanto, se inscreveu e planeou realizá-la a curto prazo, seja porque assim o quer, seja porque precisa de apresentar currículo para progressão na carreira. Optar pela 2ª hipótese permitiria, obviamente, o oposto, levantando, por outro lado, todo um conjunto de questões de carácter financeiro de resolução difícil. Por unanimidade decidiu-se optar pela 2ª hipótese, prosseguir, portanto com a concretização do Plano de Formação previsto, sendo criado, para algumas acções, o regime de caução.

Destaque-se, no entanto, que uma boa parte das acções, para as quais co-financiamento se afigura provável, não estarão sujeitas a esse regime, continuando a ser oferecidas sem qualquer encargo condicional prévio para os formandos.

O regime de caução consiste na entrega, pelo formando que vai frequentar a acção, de uma quantia, em cheque, a estipular pela Comissão Pedagógica. A caução será devolvida no caso de a acção vir a ser co-financiada pelo PRODEP II e só será utilizada quando,

ACÇÃO	CURSO	MODULO	TURMAS
VIII	5. O Computador na Aula de Inglês	-	Única
V	4. Computador no dia-a-dia do Professor	-	B
IV	3. Comunicação na aula	A	A e B
	3. Comunicação na aula	B	A e B
IV	2. Preocupação com o aluno como pessoa	A	Única
	2. Preocupação com o aluno como pessoa	B	Única
IV	9. Aval. ped. – E. Básico 1º, 2º, 3º Ciclo e E. Sec.	-	Única
V	6. PRÓmac	-	A e B
IV	8. Investigação em Educação	A	Única
	8. Investigação em Educação	B	Única
V	1. A Fotografia no Ensino	A	Única
	1. A Fotografia no Ensino	B	Única
VIII	4. História – Temas do séc. XIX e XX	-	Única
IV	11. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância – II	-	Única
Projecto	PRÓmedia – Centro de Recursos Educativos de Matosinhos – a concretização de um sonho	-	Única
V	2. O vídeo na sala de aula	-	Única
III	3. Património Histórico-Cultural de Matosinhos – o seu contributo na Área-Escola	A	Única
	3. Património Histórico-Cultural de Matosinhos – o seu contributo na Área-Escola	B	Única



de todo em todo, se verificar a não concretização desse co-financiamento.

Para o cálculo da caução serão tidos em conta os gastos inerentes à preparação e gestão da acção, equipamentos necessários e pagamento de serviços a formadores.

O valor da caução, entretanto já calculado, será 15000\$00 (quinze mil escudos) para acções de nível de iniciação com 30 horas e acções de nível de

aprofundamento com 22 horas, por exemplo, podendo atingir, no máximo, os 20000\$00 (vinte mil escudos) em acções com duração superior.

Pelas razões que foram apontadas esta afigurou-se, à Comissão Pedagógica, depois de pesados todos os prós e todos os contras, como a melhor solução para o dilema descrito.

As acções que estarão sujeitas ao regime de caução apresentam-se no quadro da página ao lado.

Professores de Mérignac visitam o PRÓfessor

No dia 27 de Abril, o PRÓfessor, teve o prazer de receber um grupo de professores franceses da École Ferdinand Buisson, que visitaram a nossa cidade, ao abrigo de um acordo de intercâmbio integrado no protocolo de geminação Matosinhos-Mérignac. Neste encontro estiveram presentes elementos do 1º ciclo do Ensino Básico da Escola do Godinho, elementos da equipa do PRÓfessor e em representação da Comissão Pedagógica a Professora Lurdes Barbosa e o Director do Centro. Da troca de impressões agradável e extremamente enriquecedora é de destacar a comparação que foi realizada dos modelos de formação contínua e inicial

em vigor nos dois países. Em França a progressão na carreira é paralela em relação à formação contínua. Ou seja, a progressão na carreira é feita por acumulação de anos de serviço, sendo a formação facultativa e exercendo efeitos, em especial, para o acesso a cargos e gratificações suplementares. A existência, em Portugal, de um sistema de formação contínua de professores que prevê centros de formação com carácter regional, autónomos para gerir os interesses de formação dos educadores e professores das escolas associadas foi algo que surpreendeu os nossos colegas franceses e os deixou mesmo um pouco, pode dizer-se, fascinados.

Ensino precoce de Francês no 1º Ciclo – uma nova proposta de formação

O PRÓfessor, atento às inovações que a Reforma Educativa veio introduzir nos novos programas para o 1º Ciclo do Ensino Básico, está a preparar uma acção de formação destinada a Professores desse ciclo e nível, sobre metodologias do ensino precoce da língua francesa.

Para a concepção e lançamento desta acção contamos com a colaboração do BCLE – Bureau de Coopération Linguistique et Éducative e com o apoio da DREN.

O curso terá dois módulos de formação. O módulo A, de 30 horas, é destinado à actualização linguística da língua francesa e o módulo B, igualmente com 30 horas, permitirá a exploração de metodologias do ensino precoce da Língua Francesa.

O acesso a esta acção de formação é diferente do

usual para as restantes acções do PRÓfessor. Está sujeita a uma pré-inscrição, seguida de uma entrevista em que se procurará avaliar o grau de conhecimento da língua francesa do candidato, a respectiva necessidade de actualização e o grau de motivação que o leva a escolher uma acção de formação com estas características.

Destinada a 30 formandos, funcionará em calendário e horário a definir, em princípio nos meses de Junho e Julho, de tal modo que o seu «produto» possa ser implementado no «terreno, já no próximo ano lectivo. É a este nível que contamos com o apoio da DREN que nos ajudará na selecção de formandos tendo em vista a definição de uma rede de escolas em que será oferecido, no ano lectivo, o ensino precoce do Francês. ■

DE UMA LÍNGUA A OUTRA...

Guiomar Ricardo*

Pôr em comum uma experiência parece-me um acto enriquecedor para o Ensino e para aqueles docentes, que ainda há, felizmente, abertos à inovação e ao desabrochar neste país de novos rumos que o movimento da educação tende a apontar.

O ter sido professora de «Língua e Cultura de Origem» durante 7 anos em França criou em mim o desejo de lançar o ensino de uma língua estrangeira no 1º Ciclo, uma vez que este tipo de aprendizagem é contemplado pelo artº 5º do Dec.-Lei nº 286/89, podendo contribuir para o despertar de potenciais capacidades linguísticas, o desenvolvimento integral da criança e, conseqüentemente, o seu sucesso escolar educativo.

No entanto, pretendia um apoio institucional e pedagógico que me permitisse avançar com algo de sólido e devidamente dirigido aos alunos do nível etário com o qual exerço as minhas funções docentes.

Surge a oportunidade de iniciar a introdução do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira a partir do ano lectivo 1991-92, após ter sido seleccionada para fazer parte de um grupo para trabalhar naquele projecto emanado da DREN, B.C.L.E. (Bureau de Coopération Linguistique et Educative) e a ESE de Viana do Castelo.

Aceitei este desafio convicta que esta iniciativa estava condenada a um êxito total pelo interesse suscitado nos alunos, objectivo cada vez mais difícil de atingir pelas diversas solicitações a que as crianças de hoje se vêm confrontadas, pela implicação dos professores da escola na cooperação de uma actividade inovadora que revoluciona o quotidiano da vida escolar e o confronto com outro método de ensino que exige enorme disponibilidade do docente que leccione o Francês (dito precoce), que gera uma nova atitude no seio da comunidade educativa.

No presente ano lectivo, ou seja, após 3 anos de experiência-piloto, estão envolvidos na região Norte 1644 alunos das diferentes escolas experimentais, entre os quais 150 crianças da Escola nº 6 – Godinho Matosinhos.

Durante estes 3 anos frequentei muitas acções de formação, seminários e estágios, quer no país quer no estrangeiro. Assim, a programação a desenvolver foi criteriosamente estudada e planeada, respeitando os interesses das crianças e as vivências do seu quotidiano real em completa interdisciplinaridade com todas as actividades ocorridas na Escola.

A partir das representações e conhecimentos das crianças sobre a França abordo, numa perspectiva intercultural a realidade francesa de um ponto de vista infantil, recorro aos meios audiovisuais, apoio-me em métodos adequados e a material especialmente confeccionado para as aulas em que os alunos são muitas vezes chamados a colaborar, já que o

«fazer» é uma componente importante da aprendizagem da língua, sobretudo nesta idade.

As diferentes unidades temáticas dão especial relevo ao desenvolvimento da oralidade como meio da comunicação expressiva e espontânea através da encenação de histórias com personagens e marionetas postas a funcionar como meio de expressão verbal retomando as estruturas lexicais adquiridas em fases anteriores.

Assim, partindo do universo da criança, da sua cultura, seu modo de vida, brincadeiras e imaginário tento rentabilizar ao máximo os seus saberes, o seu «savoir faire», as suas aptidões e o seu gosto pelo esforço quando motivada com agrado. Através de jogos, dramatização, canções, danças e lengalengas tradicionais francesas pude desencadear espontaneamente o estímulo das crianças, levando-as a construir estratégias, a organizar o pensamento, a testar a competência comunicativa e linguística e a consolidar a aquisição de conhecimentos.

Para além das aulas propriamente ditas, tenho continuado o intercâmbio escolar com escolas francesas e obtive a geminação com a École de Ferdinand Buisson de Mérignac.

Considero a correspondência escolar um suporte magnífico para conhecer melhor o país e a língua do outro, e, sobretudo, levar os alunos a terem amigos desconhecidos, longínquos e imaginários o que agrada muito às crianças e toca a sua sensibilidade. Mas conseguir um encontro, um contacto directo, uma oportunidade de utilizar a língua francesa ao vivo, conhecer aqueles amiguinhos, ouvi-los falar a língua que até agora se confinava às quatro paredes da sala de aula tem uma outra dimensão: a projecção do sonho para a realidade, a concretização deste aspecto do meu projecto de trabalho, pois o intercâmbio foi sempre uma das vertentes primordiais com a organização de uma «classe de descoberta». Receberemos um grupo de 28 alunos de Mérignac de 25 a 30 de Abril e pensamos deslocarmo-nos a França na 1ª semana de Julho.

A atitude aberta do conselho escolar e o incondicional auxílio prestado por algumas colegas entusiasmadas como eu em oferecer «outra colsa» aos nossos alunos permitiu por em prática este processo ambicioso que, quanto a mim, como docente, é um meio de alargar os horizontes das crianças, de os ajudar a encontrar a sua identidade como portugueses e europeus e contribuir para o desenvolvimento global da criança num contexto multicultural.

Espero que a partir deste simples relato da minha experiência esta prática pedagógica seja seguida por outros colegas e que o concelho de Matosinhos veja, instaurada em muitas outras das suas escolas do 1º Ciclo a introdução do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, tornando-se cidade pioneira neste País com projectos também inéditos a exemplo de outros países da Europa nomeadamente a Itália onde após mais de 15 anos de experimentação grupos de professores lutaram pela obrigatoriedade deste ensino que há já 2 anos foi superiormente reconhecido tendo-se tornado obrigatório pelo valor destas aprendizagens e sido integradas oficialmente no currículo dos seus alunos.

Para terminar, se me permitem, citarei Soares dos Reis: «Deus quer, o Homem sonha e a Obra nasce», por isso, mãos à obra, abram as portas da escola à novidade, abram, acima de tudo, os vossos corações a novos paradigmas educacionais, aceitem, vocês também, o desafio, esqueçam o egoísmo, a comodidade, a intransigência...

Deixai às crianças a oportunidade de ter mais e melhor, já que merecem tudo! ■

* PQG do 1º Ciclo do Ensino Básico a leccionar o Ensino Precoce do Francês, E. do Godinho



Inforloja-Sistemas Informáticos

12 ANOS DE SABER!

LEO 486DX/33MHZ (Coprocessador incluído)
256KB CACHE
ANTI-VIRUS RESIDENTE\4MB RAM
1.44MB FLOPPY DRIVE
245MB DISCO
PLACA SVGA 1 MB
MONITOR POLICROMÁTICO 0,28 PITCH
1024x768
1 PORTA PARALELA, 2 PORTAS SÉRIE
TECLADO PROFISSIONAL
RATO LEO 3 BOTÕES
S. OPERATIVO MS-DOS **295.000\$00**

**INFORLOJA, LDA. – SEGURAMENTE
UM DOS MELHORES SERVIÇOS
PÓS-VENDA EM INFORMÁTICA**

CONSULTE-NOS EM TOMÁS RIBEIRO 727, 4450 MATOSINHOS
OU ATRAVÉS DOS TELEFS.: 9380590 / 9377645 OU FAX: 9380588

INFORLOJA



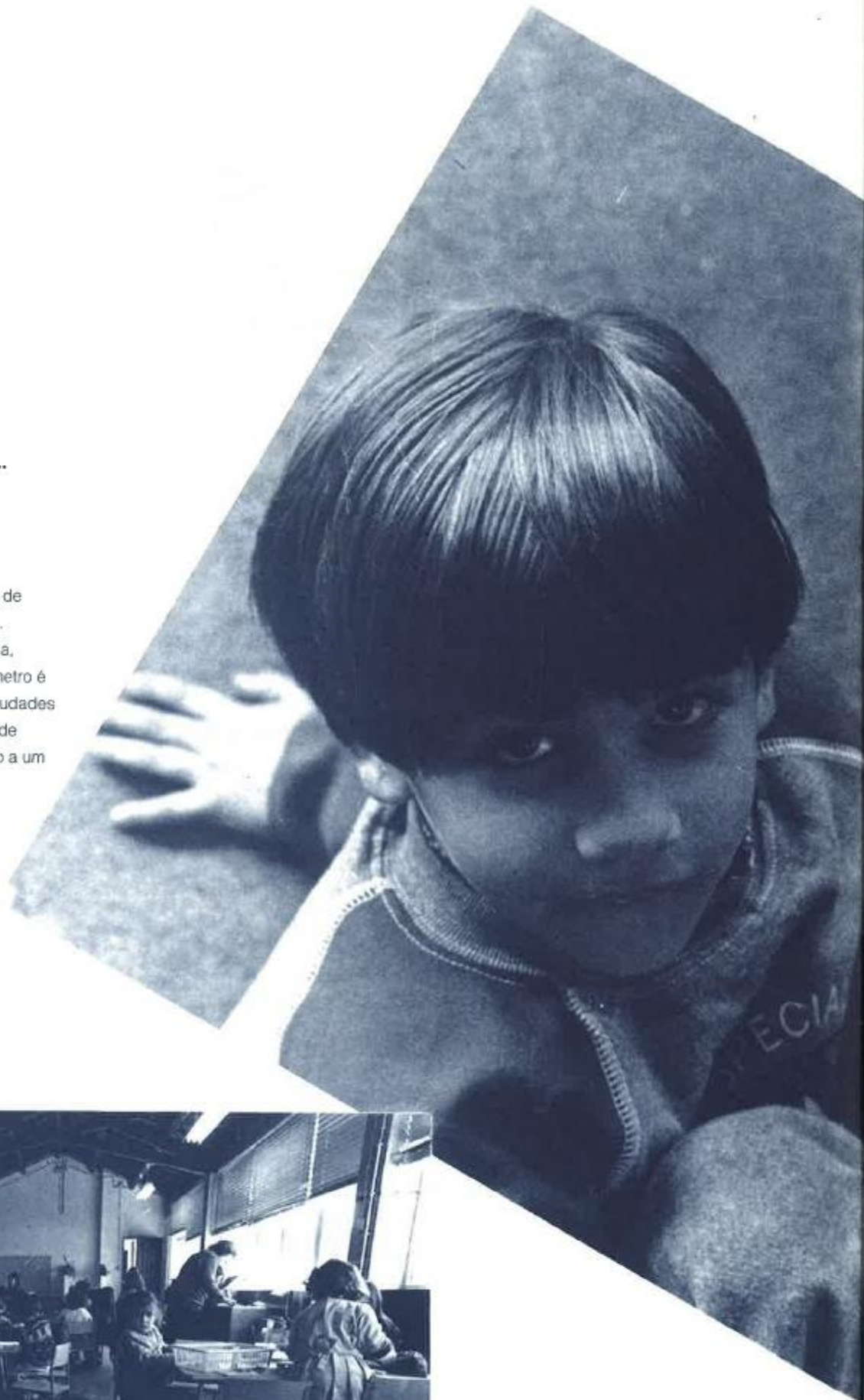
RETRATOS DO NOSSO OBJECTO

NUM JARDIM DE INFÂNCIA...

José Caldas*

O espaço é, todo ele, gerador de experiências e aprendizagens. Nenhum canto, nenhuma janela, nenhuma pedra, nenhum milímetro é esquecido e ignorado. Que saudades vais deixar, quando o espaço de aprendizagem estiver reduzido a um quadro negro ou a um livro!...

* PQND do 11.º grupo B, formador do PRÓfessor









À CONVERSA COM...

ENG.º DIGNER COSTA

Delegado Regional do Norte da Inspeção Geral da Educação

P₁. Como se encontra estruturada a Delegação Regional do Norte da Inspeção Geral de Educação?

R₁. A DRN da IGE tem procurado estruturar-se em conformidade com o que estabelece a Lei Orgânica da IGE – Decreto Lei – 140 /93. No entanto, perante as crescentes solicitações de um universo escolar quantitativa e qualitativamente bastante diversificado, onde é requerida uma actuação em cerca de 5700 instituições educativas, desde a Educação Pré-Escolar ao Ensino Superior, espalhadas por 7 distritos, tornou-se necessário adaptar funcionalmente a estrutura a essa realidade.

De momento a DRN/IGE, é composta por um Delegado Regional, que representa o Inspector Geral na região e dirige a Delegação Regional, por 3 sectores operativos: pedagógico, administrativo financeiro, apoio técnico e por uma secção administrativa.

É dotada por 106 funcionários entre pessoal técnico de inspeção, pessoal técnico superior, pessoal administrativo e auxiliar. Destes, somente cerca de 7% prestam apoio técnico, logístico e administrativo na sede da DRN, três Coordenadores de Sector e um Chefe de Secção.

P₂. Qual o volume anual de processos que chegam a esta Delegação Regional?

R₂. Se a pergunta diz respeito a processos de natureza disciplinar, a resposta será cerca de 280. Outros processos são, no entanto, solicitados à DRN/IGE pelo cidadão, por professores, instituições, órgãos de gestão, Direcção Regional de Educação do Norte e pelos Serviços Centrais do ME. São processos relativos a análise de situações, recursos de avaliação e tratamento de reclamações pela via da Linha Aberta. Estes são, também, na ordem das 3 centenas ano.

P₃. Encontram-se já tipificados os principais problemas que motivam esses processos?

R₃. São muito diversificados. Pode acrescentar-se que, por ordem decrescente, os mais frequentes têm a ver com falta de assiduidade, relacionamento, matriculas irregulares, avaliação, prática pedagógica, castigos corporais, acumulações.

P₄. Qual lhe parece ser a imagem que a Inspeção de Educação possui entre alunos, funcionários e professores?

R₄. Prefiro dizer qual a que pretendo.

P₅. Qual é a imagem que o novo Delegado Regional do Norte pretende para a Inspeção Geral de Educação desta área?

R₅. Esta é uma primeira preocupação que tenho tido nestes poucos meses de Delegado Regional. Não propriamente a imagem, mas sim a transformação e criação de meios e apoio a todos os Senhores Inspectores que permitam tornar a IGE um organismo vivo, menos reflexivo e mais actuante. Actuante pela ajuda neste longo e diversificado caminho da Educação. Uma Instituição fortemente influenciadora da qualidade educativa sem deixar de proceder a um controlo permanente tendo em vista a legalidade dos procedimentos.

No fundo, uma imagem dinâmica tendo sempre como referência o cidadão aluno.

P₆. Quais os mecanismos de «profilaxia» e pedagogia que «equipam» actualmente a Inspeção contra a infracção?

R6. A DRN/IGE possui escassos recursos relativamente ao universo de actuação que a solicita. Por isso, vai fazendo opções orientadas para uma metodologia capaz de levar à prática o Plano de Actividades da IGE conjugada com as intervenções que, diária e directamente, lhe são colocadas pelas Escolas, Direcção Regional e demais Instituições da região, além das inúmeras solicitações do cidadão. Todas as intervenções têm em vista a satisfação de um objectivo fundamental:

– possibilitar uma acção contributiva na resolução de problemas detectados e na diminuição dos pontos de conflito.

Uma concretização inspectiva que, em qualquer das suas actuações, persiga sempre a qualidade das intervenções, dos conteúdos, forma e prazos estabelecidos.

P7. Um eventual «lesado» como deve fazer para buscar ajuda e apoio da Inspeção Geral de Educação?

R7. Esgotadas que sejam as competências dos órgãos competentes, pode dirigir-se por carta, quando considere necessário, à DRN/IGE, Apartado 4397 Porto Codex ou directamente à Rua Gil Vicente, 35 – Porto. Deverá ser sempre portador de elementos suficientemente identificadores do problema e apresentar o máximo de dados que tiver disponíveis.

P8. Qual o âmbito de actuação da Inspeção no que se refere ao novo sistema de formação contínua de professores?

R8. O âmbito da actuação neste contexto é balizado pelas atribuições de fiscalização estabelecidas no Dec.-Lei 24/92, nos âmbitos pedagógico e administrativo-financeiro.

Geograficamente, este âmbito coincide com a área da DRN/IGE que, como é sabido, é a mesma da Direcção Regional de Educação do Norte.

P9. Quais os principais problemas que têm sido detectados nessa área?

R9. A actuação nesta área tem sido bastante reduzida. As acções de fiscalização efectuadas representam, ainda, um universo bastante restrito, dado que só foi possível, até esta data, actuar em 10 centros na componente pedagógica e 4 na administrativo-financeira. Esta actuação e outras que se desenvolveram pontualmente serviram, no entanto, para identificar que, de um modo

geral, existem planos de estudo e conteúdos programáticos e que à excepção de um dos centros analisados, as acções corresponderam às necessidades e expectativas dos formandos não só na vertente da valorização profissional mas também, pela satisfação decorrente dos efeitos de progressão na carreira. No entanto e relativamente aos formandos, verifica-se ter havido em 2 casos elevado nº de desistências (cerca de 80%), motivados em grande parte pela opção por outras acções ou mudança de local de trabalho. Pôde constatar-se que, nestes casos, a oferta da formação não assentou num levantamento de necessidades correcto nem foram levadas em conta determinadas implicações decorrentes da situação funcional dos candidatos aliada ao calendário de realização das acções.

Por outro lado, verifica-se que, em alguns Centros, não são totalmente respeitados os critérios e requisitos, previamente fixados, da selecção dos candidatos à frequência das acções, o que provoca naturalmente alguns desvios.

Resumindo:

Exceptuando um caso a necessitar de aprofundamento, no restante, poderá afirmar-se que a normalidade constitui a tônica dominante resultante das acções de fiscalização efectuadas, sendo de salientar que, casos pontuais não relevantes não tornam negativas as acções desenvolvidas na formação dos docentes.

Algumas melhorias serão de esperar, se designadamente, for cada vez mais procurada uma adequação entre as acções propostas e as necessidades de formação, se houver uma melhor divulgação das acções e um mais apurado controlo do absentismo e da avaliação dos formandos.

P10. Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.

R10. Não existe nenhuma questão em especial. No entanto, desejaria que a Delegação Regional do Norte da Inspeção Geral da Educação pudesse vir a ter estrutura orgânica qualitativamente em conformidade com a dimensão e diversidade da região que serve para melhor poder estar com os milhares de instituições e de agentes que vivem a Educação nas comunidades educativas de modo a poder cumprir-se o integral desempenho das atribuições que lhe são conferidas pelo Dec.-Lei 140/93, tendo sempre como objectivo primeiro o bem-estar educativo do cidadão aluno. ■

APRENDER E CONHECER GENTE «FIXE»*

**BUÉ ou
FARTANTE?**

Para mim a ESCOLA é um conjunto de regras estabelecidas pelos professores sem a mínima discussão com os alunos. Também acho que quem gosta de se armar em importante que o faça fora e não dentro da escola (o que não é só dirigido aos alunos).

Penso que se os professores estão na escola de má vontade, então o melhor é ficarem em casa, porque considero que para se fazer bem uma coisa é preciso gostar dela.

Penso também que não é qualquer pessoa que serve para funcionário da escola. Se andamos na escola não só para estudar, mas também, como alguns professores dizem, para aprender boas maneiras e boa educação, não deverá ser contratada qualquer pessoa para funcionário da escola.

Todas as pessoas da escola devem estar em harmonia umas com as outras. Os professores não devem ir para as aulas gozar e guerrilhar com os alunos. Apesar de tudo a escola tem algumas coisas positivas, conhecemos pessoal fixe e é um sítio onde podemos alongar os nossos conhecimentos.

Por último acho que se as escolas não têm infra-estruturas para desenvolver certos projectos, então não o façam. ■



Nuno Castro

* Esta secção é da responsabilidade de Maria José Alves, PQND do 11.º grupo-B, Formadora do PRÓfessor



NO MEU TEMPO É QUE ERA

Os atinados...

«Fiz a primária na Escola da Ordem de S. Francisco, no tempo da segunda guerra mundial.

Havia ensaios de ataques aéreos. Primeiro havia o sinal de alarme. Depois tinha que se apagar a luz e eu tinha muito medo e uma vez quase desmaiei. Não havia pão, só no mercado negro e havia senhas de racionamento.

A professora dava duas classes juntas. A 1ª e a 4ª classe ou a 2ª e a 3ª. Primeiro fazia os trabalhos para uma classe e depois para a outra. Uns faziam cópia e os outros faziam o ditado. Aprendia-se aritmética, português, geografia e ciências. Éramos obrigados a saber os rios, as serras, as cidades, as vilas e já não me lembra mais. A sala era grande e fria. A professora, D. Emília, era velha e feia, má como as cobras, dava muitos «bolos». Quando um aluno não sabia e

havia outro que sabia, o que sabia tinha que dar «bolos» com a palmatória nos que não sabiam. Lembro-me de ter feito isso a um rapaz, Júlio, muito mais velho que eu. Havia uma disciplina muito rígida. Não me lembro de ter recreio. Tínhamos que assistir às festas religiosas e também havia festas anuais, representações, peças de crianças.

Depois fui para a Escola Comercial — um curso técnico de quatro anos — que dava habilitações para trabalhar num escritório. No liceu eram mais anos e os meus pais não tinham posses para isso. A Escola Comercial (que era onde é hoje a Faculdade de Psicologia) era muito diferente. Havia um professor por disciplina. Tínhamos Dactilografia, Estenografia, Português, Inglês, Francês, Matemática, Direito Comercial, Geografia, Tecnologia, Física e Química, Contabilidade, Escrituração Comercial e Caligrafia. Hoje já não se usa a estenografia. Fazia

Os atinados, os assim assim e os... *

mais de 60 palavras por minuto! Tirei 19. Não tirei 20 porque na tradução, depois do ponto final fiz um «a» desta maneira a em vez de A. Nas festas recitavam poesia o Dr. Pedro Homem de Melo (o Director da Escola) e o poeta Vasco de Lima Couto. Também havia bastante disciplina. Não falávamos. A professora fazia perguntas mas não era como hoje em que os alunos estão sempre a falar. Ali não se fazia barulho, os empregados não deixavam. Quando não se tinha aulas tinha que se ficar na sala.

Tinha um professor de Inglês muito distraído e quando fazia a chamada «Presente», mesmo que estivessem ausentes! Ele nunca nos ralhava, era bestial. Às vezes adormecia nas aulas...

Acabei o curso com quinze anos, era a melhor aluna do meu curso. Quem me arranjou o emprego foi a professora de Contabilidade. Passei a ganhar para os meus pais. Comecei a

* Esta secção é da responsabilidade de Luísa Meira Santos, PQND do 11.º grupo-B, Formadora do PRÓfessor

ganhar 700\$00. Depois ainda andei no Instituto Francês e fiz vários cursos. Vi muitos filmes, conferências e fui a bailes onde conheci o meu marido».

Os assim assim...

Helena – filha mais velha da Maria José

«Andar na escola era muito giro. Na escola primária era tudo muito bem comportado. Era uma escola de freiras. Havia dias especiais em que era obrigatório usar o uniforme. Detestava ter que ir de uniforme. Tínhamos que usar sempre saquetes e as meninas não podiam usar calças nem meias de vidro. Uma vez fui castigada sem ter feito algum mal, porque a D. Maria Amélia não viu quem fez a asneira e então castigou toda a gente.

No ciclo preparatório andávamos numa escola muito velha. Tínhamos aulas num sótão. Jogávamos sempre ao «Mata» nos intervalos. O bar era na galinheiro e a ginástica na garagem. Fui para o António Nobre no primeiro ano que abriu. O liceu era misto e no primeiro ano entrávamos todos pelo mesmo portão, mas depois os rapazes iam para um lado e as raparigas para outro e nas aulas também. Tínhamos que usar uma bata cor de laranja, que era igual às batas dos funcionários do pri-

meiro grande supermercado do Porto, que tinha acabado de abrir – o Pão de Açúcar. Fui lá com os meus pais e estava com a bata e toda a gente me confundia com as empregadas.

Uma vez na aula de História, a professora mandou-me procurar em revistas coisas sobre o Egipto. Durante um torneio desportivo andávamos sozinhas na escola com uma revista sobre o Tut Ank Amon e o Reitor apareceu e perguntou o que estávamos a fazer. Pegou na revista e viu que numa das folhas estava uma fotografia da casa da Kissinger num corpo dum homem nu (embora com as partes pudibundas tapadas), fez-nos uma preleção dizendo que queria que nós fôssemos laranjas doces e não limões azedos (isto seria por causa da bata? Nunca percebi!...).

No ano do 25 de Abril tínhamos um professor de Geografia que

nos obrigava a decorar os cabos e as penínsulas. Ditava durante as aulas e depois punha algumas perguntas que apareciam nos testes, mas nunca ninguém tirava boas notas. Então nós, como represália resolvemos faltar a um teste que ele marcou. Faltou a turma toda.

Várias vezes tentou-se proibir o vice-reitor de entrar no liceu. Havia um empregado que se dizia ser da Pide. Na minha turma estava a filha dele e dizia-se que ela roubava as porta-moedas para mostrar ao pai.

Depois do 25 de Abril havia os de esquerda e os de direita. Houve cenas no polivalente em que cada grupo se barricava com bancos e atirava ovos uns aos outros.

Ouvia-se dizer que ia haver uma manifestação na Rodrigues e íamos todos para o Rodrigues.





Houve várias ameaças de bomba. Vinhamos todas para a rua. Havia muitas festas com música. Passou a haver música nos intervalos, era fixe. E a vida continuou.»

Hoje a Helena é professora e gosta de silêncio enquanto almoça na cantina.

freira apanhou-nos e levantou-nos pelas orelhas pr'á uns 30 cm do chão. As aulas até tinham piada. Eu curti as visitas de estudo. Ficava era lixada com as contas de dividir. Depois fui para a Maria Lamas. No colégio ninguém dizia asneiras e ali era tudo a dizer asneiras e depois os mais velhos diziam: «Apanhas

uma barulheira. Os pedacinhos de giz a baterem no quadro e na prof., a fazerem ricochete. Falávamos com ela como se fosse entre nós, a dizer asneiras arrotadas bem alto. Ela não dizia nada. Uma vez roubámos-lhe um teste e queriam que fosse eu a fazê-lo, mas como já estava nas boas graças da professora foi um colega. Então, no final da aula, juntámo-nos todos à volta dela para tirar dúvidas. Assim que lhe tiraram o teste da saca fomos todos embora para tirar fotocópias e ela, sem perceber ficou sozinha. Depois resolvemos o teste e combinámos não levar o teste resolvido, mas houve um que levou e a professora tapou. Foi o único que tirou negativa.



Havia o concurso do mais badalhoco em que se tinha de mascar as chicletes, passar na sola dos sapatos e no chão, calcar e voltar a mascar. O mais badalhoco foi o que mascarou umas chicletes que estavam nas carteiras já há uns anos.

E os...

Zé - filho mais novo de Maria José

«O colégio era fixe. As freiras eram chatas, mas era fixe. Fugíamos das freiras, íamos para os sítios dos alunos mais velhos. Tentávamos sair do colégio sem as freiras verem. Uma vez estávamos a «abanar» um Dyane e a

uma cabeçada!»; «Vê lá, pianinho, pianinho, bolinha baixa!»; «Ainda chamo a minha seita, a minha comandita!» (leia-se tudo à «Quarta»)

No 2º ano eu já chateava os do 1º. As aulas eram porreiras, tinha visitas de estudo e era o melhor aluno da turma. No liceu foi fixe. Os mais velhos não chateavam os mais novos. No 11º ano era a bandalheira total. Na aula de Filosofia partávamo-nos de atirar giz à professora. Era

Uma vez atirei um avião de papel, que foi às voltas dar na cabeça da professora. E ela disse: «Quem foi? Quem foi?». E eu disse: «Ó professora, veio de lá de fora!». «É melhor fecharem a janela» - disse ela. Estávamos no terceiro andar!...

Os genes degeneraram? O sexo tem alguma coisa a ver ou é só o meio ambiente? ■

Um dia com... é a reportagem do dia-a-dia do educador e do professor anónimo deste concelho. O seu lufa-lufa diário, os seus hábitos e recantos, os mais pequenos anseios, as maiores ambições para os mais pequenos momentos da sua actividade... a forma como a ética e deontologia profissional se reflectem na sua cidadania.



UM DIA COM...

Um dia comigo!

É assim... reticências para acordar (mais cinco minutos, por favor!). É agora! Toca a saltar e deixar de ser Tartaruga! (Ah! Já me esquecia «Tartarugas» são os meus queridos inimigos: os alunos. – Fechar parênteses!). Depois é dar uma dentada em duas bolachas com mel, ouvir o canário a dizer Bom-Dia e começar o Dia-Sim com um sorriso no rosto; cuidadosamente sardento, para não perder a sua habitual pinta!

Calçar os sapatos de sair à rua e ir à luta com o coração! Tripeira de gema, vive no Porto, partilha segredos e Boas Novas em Leça com «Dedos no Ar» a abanar com a cabeça! São confissões ao vivo no Recreio, consultório sentimental no intervalo. É uma festa o dia inteiro. O Professor sente-se «chavalo».

Sempre a correr de um lado para o outro. Ateneu, Lisboa, Porto, pinta-se a manta e fica-se rouco! Mas não se Reformam as Ideias, não se Reformam os Valores essenciais, porque é preciso ajudar a amadurecer estes frutos. Sou Jardim, adoro flores, mas sobretudo a Árvore de todas as cores: a Árvore da Vida: Berço Simbólico destes pequenos – futuros Doutores!



A minha personagem predilecta da infância era a Pipi das Meias Altas



Recantos

Helena Viana*

Elvira Castanheira**

«É uma festa o dia inteiro»... ao som de Vangelis ou Elton John, num cenário de Fellini ou de Jeremy Irons, lendo nas linhas de a «Invocação ao meu corpo» de Virgílio Ferreira... com paixão por Pessanha e Platão, ela adora o verde-azulado, os lilases e o Outono.

Ouro sobre azul será bacalhau com natas e no fim um Nicola n.º 7 no Magestic.

Sempre no mundo da lua, sonha com Freddy Mercury revisitando Magritte e António Carneiro. Tal como Leonor Fini, ela simbolicamente elege o gato, e também pinta. Com raízes no Douro Litoral, região preferida por excelência, no triângulo céu, terra, mar ela decide-se por «mar de rosas». ■

* PQND do 5.º grupo

** PQND do 10.º grupo A





4

ÀS QUARTAS... É NO CENTRO

AS PRÓXIMAS DO PROGRAMA 1994

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores, que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designamos por «As Quartas... é no Centro!».

São sessões de trabalho, com cerca de 2 horas, com início às 21.30h, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades – mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos, que têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro.

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO PORTUGUES

13 de Maio

Mesa redonda orientada pelo Dr. Adelino Silvestre
Publicidade – Professores do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO INGLES

Balanco do 1º ano de experimentação

29 de Junho orientada por uma equipa de professores de Inglês do DES
Mesa redonda orientada por personalidades ilustres
Publicidade – Professores do E. Básico e E. Secundário

Para participar é fácil!
Basta telefonar até 1 semana
antes do início da sessão
escolhida indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;
- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence
- situação profissional.

CONTINUAMOS ABERTOS
ÀS VOSSAS SUGESTÕES.